

FORMAS NARRATIVAS BRASILEIRAS

Ildo Carbonera

RESUMO:

A aproximação e o afastamento podem ser observados em narrativas como Sargento Getúlio, de João Ubaldo Ribeiro e O trono no morro, de José J. Veiga, lembrando O primo Basílio, de Eça de Queirós, Esau e Jacó, de Machado de Assis, São Bernardo, de Graciliano Ramos e Grande Sertão: Veredas, de João G. Rosa. Os “lugares” do poder assemelham-se a fantasmas, principalmente nas duas primeiras obras. Existem, mas não temos informações precisas. Os únicos sinais transparecem nas ações, reações e no silêncio das pessoas comuns, simples e pobres. Uma tendência dessas narrativas é manter calados os vencedores e dar voz aos vencidos.

PALAVRAS-CHAVES:

literatura - poder - narrativa - intertextualidade - romance análise

1 – LINHAS GERAIS

Vasto mundo, o da literatura.

(Rubem Fonseca, *A grande arte*)

No livro Sargento Getúlio, João Ubaldo Ribeiro narra a respeito da missão que o Sargento tinha: levar um preso de Paulo Afonso a Aracaju, que acaba em Barra dos Coqueiros; José J. Veiga, no livro O trono no morro, apresenta a trajetória de Quintino, de roceiro a “Governador”.

Em princípio, histórias seguem uma cronologia, mas nas obras citadas os fatos e os tempos servem como pano de fundo, como ponto de partida para o jogo que as palavras vão estabelecendo: as histórias que narro não estão escritas.

O texto não é um relato de acontecimentos, mas a recriação de um mundo, como afirma Octavio Paz em **Ambigüidade no romance**. O texto não é mais começo – meio – fim, mas a conjugação, a imbricação desses momentos. O passado e o presente acontecem na mesma palavra, no mesmo instante.

IDEAÇÃO	Foz do Iguaçu	n.4	p. 41-50	2001
---------	---------------	-----	----------	------

A elaboração e a montagem pela intertextualidade podem aproximar ou afastar o leitor do texto, da realidade envolvente da obra. O ficcionista relê o mundo a partir das suas leituras, seus referenciais. Desconfiamos que se as leituras do ficcionista são algumas das do leitor, a reescritura e a filtragem da realidade terão maiores possibilidades de realização e tradução – a literatura como um espelho no espelho.

Por outro lado, se as leituras não forem as mesmas – do que ele está falando?, a experiência estética do leitor ficará prejudicada, por causa de uma narrativa que passa a ser absurda e desestruturada: o trabalho de preencher vazios e organizar fragmentos cabe ao leitor.

As obras que constituem a chamada grande literatura não estão prontas, acabadas, pois “... não se deseja emocionar nem suscitar a contemplação, mas causar choque no leitor e excitar a argúcia do crítico, por meio de textos que penetrem com vigor, mas não se deixam avaliar com facilidade (CÂNDIDO, 1987, p. 214)

As personagens remetem a uma realidade psicológica desestruturada e fragmentada, e o leitor vai descobrindo pistas no sentido de reorganizar o universo e a experiência, igualmente fragmentados. A narrativa é um jogo criado pela experiência, pelas leituras e pelo texto do ficcionista – linguagem, imagens, sentidos, subentendidos, elipses, ironia, opiniões, pontos de vista. Muito do que ele não relatou, mostrou, ou relevou, mas sugeriu, poderá ser traduzido pelo leitor. “...na verdade, não há releitura de uma obra que não seja também uma ‘reescritura’” (EAGLETON, 1983, P. 13).

Progressivamente, a narrativa interiorizou-se, observando bem de perto a realidade profunda, psicológica das personagens, em seus medos, conflitos, incertezas e angústias. A ficção invadiu o universo da censura, da degradação da vida moderna e de temas proibidos – sexo, política, religião. Um texto remete a outro, técnicas compositivas são seguidas, passagens transportam-nos para outros textos de outros escritores. Tratam-se de leituras preferidas, selecionadas. São os mestres (não os clássicos canonizados didática e burocraticamente) a serem seguidos. Cria-se um público fiel (o de Rubem Fonseca ou o de Paulo Coelho). Como não gostar de obras que nos lembram Machado de Assis, Eça de Queirós, Graciliano Ramos e Guimarães Rosa, por exemplo?

2 – FORMAS NARRATIVAS BRASILEIRAS

Só através das palavras se pode lutar contra o esquecimento.

(Bela Josef, *O espaço reconquistado*)

Em livros como Sargento Getúlio (João Ubaldo Ribeiro), O trono no morro (José J. Veiga), O primo Basílio (Eça de Queirós), Esau e Jacó (Machado de Assis), São Bernardo (Graciliano Ramos) e Grande Sertão: Veredas (João Guimarães Rosa)) o texto, além de relatar acontecimentos e realizar uma aventura ficcional, vai estabelecendo alguns conceitos ou manifestando algumas opiniões a respeito do poder, na fala de personagens. Em O primo Basílio lemos: - *Ou que caíam ou que fiquem ... que venham estes, ou que venham aqueles...* (p. 233), muito próximo ao que está em Esau e Jacó: *É o governo que cai. – Mas eu ouço aclamações ... Então é o governo que sobe* (p. 148). O texto vive à margem do sistema, do poder, mas não resiste a alguns julgamentos.

A respeito dos políticos, a personagem Saavedra, em O primo Basílio, afirma: *Era uma coleção de idiotas* (p. 233); Gondim, contrariando Nogueira, em São Bernardo, diz: ... *E que falta de vergonha* (p. 175). Nesses três livros temos a confirmação do que afirma Octavio Paz, em **Ambigüidade do romance**, ou seja, o rápido trocar de mãos.

Em Sargento Getúlio e O trono no morro, algumas personagens repetem a trajetória dos bestializados machadianos, na teimosia de José Cândido e na resignação de Romualdo, nos contos **Um ambicioso** e **O programa**, respectivamente. Nos dois textos, a personagem vive num outro tempo, não conseguiu acompanhar a evolução, as mudanças e as modificações que os interesses econômicos e políticos foram estabelecendo. O texto avança em direção à realização, a personagem vai agindo, mas ficando pelo caminho. Assim, o que era importante e prioritário para o Sargento e para o bando de Gumerindo, como realização temporal, já não é mais para a linguagem, para o discurso literário.

O texto funciona em estilo machadiano: o convite para uma grande e nobre missão e depois a emboscada, a quebra brusca de expectativa, a rasteira. O texto e suas artimanhas, armadilhas e fragmentos de um lado, os bestializados, os políticos e poderosos de outro. Presente e passado fundem-se em contradições, desencontros e paradoxos. Fim da missão, resta o delírio do Sargento. Os motivos são outros, mas a Quintino resta, também, o delírio.

As versões cronológica e psicológica estão presentes nas duas obras. Em Sargento Getúlio, a trajetória se resume em levar um preso de Paulo Afonso até Aracaju, interrompida em Barra dos Coqueiros, por ordens superiores. O caminho é marcado por complicações, rumores, novidades e os superiores recuam. Getúlio não. A justiça e o julgamento sobram aos subalternos, pois os chefes sempre arranjam um jeito de limparem seus nomes, mudando as versões dos fatos. Lemos em Sargento Getúlio: - *Os jornais estão fazendo um barulho danado, vai chegar força federal em Aracaju. O chefe disse na rádio que não prendeu ninguém* (p. 46).

A missão do Sargento vai se restringindo à própria aventura da linguagem e ao seu delírio. Ele não aceita as novidades, a nova política. Assim, alguns jagunços de Gumercindo: não aceitam as novas regras e a desintegração do bando. Você lembrou do Grande Sertão: Veredas?

O tenente Amâncio é em relação a Getúlio, o que Zé Bebelo é em relação a Hermógenes: um homem do governo que vem para restabelecer a ordem no sertão. No choque de dois mundos, de dois tempos, sobrevive o moderno, o civilizado.

Em relação à missão do tenente, Getúlio reage: *É preciso entregar o bicho. Entrego e digo: ordem cumprida ... Não sou homem de parar no meio* (p. 84). Getúlio está tão convicto de seus propósitos que acaba degolando o tenente. Aqui, novamente um registro característico e revelador: os subalternos é que são julgados e/ou mortos. Os superiores estão sempre protegidos e resguardados em lugares distantes e misteriosos.

Mesmo que o padre o considere desertor, pela morte do tenente, Getúlio ainda acredita que *o mundo é assim: é o chefe e sou eu* (p. 94). Mas logo adiante, a incerteza e o abandono revelam tristeza e desespero, diante das coisas que iam se modificando: *Não gosto que o mundo mude, me dá agonia, fico sem saber o que fazer* (p. 96). Como conforto ou solução, tudo seria resolvido de forma simples, como sempre foi: *É por isso que só posso ter de levar esse traste para Aracaju e entregar ... Depois resolvo as outras coisas e tal* (p. 95), acreditando que o mesmo chefe que lhe confiou a missão seria também quem o protegeria.

O mundo civilizado, as novidades ligadas aos interesse políticos insistem junto a Getúlio no sentido de despertá-lo para os novos tempos e os novos ventos que vagavam pela região: *O problema é que foi um engano, sargento, um engano que foi mandar o senhor buscar o homem em Paulo Afonso, agora temos complicação* (p. 97). Era preciso soltar o preso, conforme recado enviado pelo Chefe.

Desprotegido e sozinho, Getúlio pensa em largar tudo e dar um outro rumo a sua vida. A partir do capítulo VI, o texto segue entre a lucidez e o delírio, entre a intenção e a ação. Há a imbricação da continuidade e do fragmento, da linearidade e da quebra brusca, da ruptura em relação às expectativas do leitor.

Há dois destinos para a missão: levar o preso para Aracaju, nas impresões de Getúlio; até Barra dos Coqueiros, conforme desejo do Chefe. A missão interrompida bruscamente é a prova de que os tempos e os interesses mudaram. Seguir viagem, significava complicações maiores, julgamentos e condenações.

No delírio, Getúlio sonha com o cangaço. *Se tivesse cangaço, eu ia para o cangaço, com um chapéu de estrelas prateadas e ia me chamar Dragão Manjaléu e ia falar pouco e fazer muito ... Eu ia ser o maior cangaceiro do Brasil* (p. 122). No livro, faz pouco e fala muito?

Como não há cangaço, e ele não poderia ser sargento, nem capitão, nem major, o sonho já é outro. ... *eu vou ser deputado e vou fumar uns charutos* (p. 123). Os sonhos, o delírio, a solidão de Getúlio é a sobrevivência do texto nas suas marcas de subjetividade e individualidade. A convivência do real e do imaginário, da aparência e da essência, da intenção sem ação é a marca maior dos capítulos VI, VII e VIII.

Duas passagens servem como ilustração dos desencontros e dos paradoxos. A primeira, ... *se eu quiser ser governador, eu vou ser governador e quem quiser que se acerte com o meu Exército* (p. 141); a segunda, ... *muitas vezes, numa hora como essa, a gente pensa que o mundo pára. Mas não pára nada, se sabe* (p. 123). O texto promete, mas não cumpre. A viagem é mesmo imaginária. As palavras, as convergências, a lucidez e o delírio constituem um todo, complexo, às vezes despretencioso.

No capítulo VIII, a personagem central dirige-se a dois interlocutores imaginários, buscados no passado, Amaro e o preso. Em flash-back, Getúlio apela para os dois como tentativa de voltar no tempo e impedir que ele se modifique. Ele não quer acreditar que não seja mais o dono da missão, da situação, do próprio tempo.

Neste capítulo, repete-se o esquema presente no livro todo. Os diálogos passam por Getúlio: as falas, as perguntas, os comentários, bem como os medos, as dúvidas, em dois tempos - um que avança, outro estático. Ele conversa com os demais, mas sozinho: a própria sobrevivência da linguagem. Para Getúlio, o fim da missão está mais para a morte de Amaro do que para a contra-ordem do Chefe. Mas o ato de criação é contínuo e ininterrupto.

Em O trono no morro, a trajetória cronológica apresenta-se, também, bastante nítida. É constituída pelas seguintes unidades dramáticas: Quintino roceiro, na propriedade de Demoste; no bando de bandoleiros, chefiado por Gumercindo; na região de garimpo; na loja com Geralda; Dom Quintino no morro, como governador.

Na versão psicológica, conforme vão surgindo no texto, temos a seguinte seqüência de unidades dramáticas: Dom Quintino no morro, como governador; Quintino no bando de Gumercindo; na roça; no garimpo; na loja com Geralda; no morro como governador. Trata-se de uma narrativa circular, presente em Malagueta, Perus e Bacanaço, de João Antônio, por exemplo. Vários conflitos marcam a vida da personagem: roceiro X bandoleiro; a enxada X o revólver; a lucidez X o delírio e a loucura; intenção X ação (tradição machadiana?).

Quintino bandoleiro sente saudade de Quintino roceiro, por entre seus medos, a vontade de fugir, ou de voltar ao seu antigo instrumento de trabalho, a enxada.

No bando, Quintino vai seguindo o ritmo dos outros, mas envolto em sonhos e remorsos. Orgulhoso após o primeiro combate, aprende que ... *no meio do combate, do tiroteio, o medo desaparece* (p. 23), substituído pela coragem e pela valentia. Vai ficando no bando, sempre querendo fugir e se proteger. Na fazenda do antigo amigo, Cuiabano, o conflito roceiro X bandoleiro se intensifica. Lembrando da roça e do novo medo que a vida no bando criara, sente vontade de deixar tudo, ficar ali na fazenda e plantar. Mas não há mais volta. Depois de uma cilada de forças policiais, o bando se dispersa e não se sabe quem morreu e quem fugiu.

Depois de algumas cenas dispersas e desconstruídas, surge Quintino numa região de garimpo. Na companhia de Geralda, vislumbra a possibilidade de levar uma vida normal. Morrem Geralda e os filhos, e ele encontra sossego no morro como Dom Quintino, o governador.

Nesta obra, temos histórias escritas e outras sugeridas, marcadas principalmente por elipses, em flash-back, deixando sempre algo para narrar ou complementar depois. Uma leitura em retrospectiva junta os fragmentos e preenche os vazios. O próprio texto resolve certas questões: Quintino roceiro só existe nas lembranças de Quintino bandoleiro.

As duas obras consideram o poder numa perspectiva muito próxima: o chefe supremo não aparece, não se revela nas falas nem nas descrições e está sempre distante dos locais de conflito. Para os homens do bando, havia um chefe, presente, personificado em Gumercindo;

para o chefe do bando havia o amigo Cuiabano; para Cuiabano havia o Tenente Boanerges, desconhecido para Gumercindo e mais ainda para os bandoleiros. Para Gumercindo, a emboscada das forças policiais bem equipadas fora organizada por Cuiabano e pensa no castigo para tamanha traição. Indefeso e desesperado, Cuiabano revela-se: *...agarrou o pé de seu Gumercindo e disparou a beijar, abrindo intervalo nos beijos para pedir que tivesse piedade dele, que ele tinha sido obrigado pelo Tenente Boanerges* (p. 62).

Cuiabano atua como o tenente Amâncio, em Sargento Getúlio, e como Zé Bebelo, em Grande Sertão: Veredas – um enviado do mundo civilizado para restabelecer a ordem no sertão. Como acontece sempre, as intrigas, as lutas, as condenações e as mortes envolvem os súditos, os subordinados.

Talvez José J. Veiga e João Ubaldo Ribeiro tenham lido Guimarães Rosa - o diálogo que escritores e obras vão permitindo, observado pela experiência estética de certos leitores. Não que tenha de ser exatamente por isso – uma obra remeter a outra, mas em O trono no morro há um momento que faz lembrar o julgamento de Zé Bebelo.

Depois do esfacelamento do bando, da dispersão e do reencontro, um dos homens de Gumercindo, Olho, resume a opinião de alguns: *Disse que eles tinham ficado desapontados com a mundança de procedimento do bando, que nem parecia mais bando; que estava havendo muita moleza em tudo, o próprio chefe não parecia o mesmo, imagine tratar um traidor com aquela clemência, seria que o chefe estava perdendo o gosto pela chefia?* (p. 63).

O imaginário de tristeza e o sentimento de perda lembra o sertão após a morte de Joca Ramiro. Gumercindo: Joca Ramiro; Cuiabano: Zé Bebelo; Olho: Hermógenes. O choque é entre *o mundo que chega* e *o mundo que se despede*, no dizer de Raymundo Faoro, não em relação ao presente objeto de estudo, mas aos registros de Machado de Assis.

Em O trono no morro, os ares de tristeza e desencanto aparecem na palavras de Cipriano: *Olhei os companheiros e compreendi que aquilo não era mais bando, eram seis pés rapados que se demoravam numa festa que tinha acabado, só não iam embora porque não sabiam para onde ir* (p. 64). E nesse despertar, o narrador traduz a fala de um derrotado e desiludido: *Ficaram calados um tempo, depois Quintino falou, mais para mostrar que tinha escutado do que por interesse numa vida que para ele já era um sonho antigo* (p. 67).

Em O arco e a lira, lemos: *Os títulos do burguês para dirigir a sociedade não são claros; são o fruto ... de um rápido trocar de mãos* (PAZ, 1982, p. 273). Em O trono no morro, temos passagens impregnadas de ironia e risos.

Quintino chegara à vila não como bandoleiro, mas como alguém que consertava e negociava armas usadas, ofício aprendido no exército. Isso impressionava e evitava perguntas. Na vila de Três Alferes, havia um cabo e dois soldados, *mandados para acabar com as constantes desavenças entre garimpeiros* (p. 38). Pela vadiagem do destacamento, pelos porres e arruaças do cabo, Quintino assume a função de delegado.

Um dia, chegou à vila o cabo Agostinho e a ordem era assumir o lugar do bêbado e arruaceiro, mas o poder continuou nas mãos de Quintino. Agostinho torna-se mais um garimpeiro. Diante das gentilezas de Quintino voltadas para Geralda, o soldado Aniceto reage: *Polícia não tem que ser delicado com ninguém, isto é, só com gente de categoria. O negócio é entrar logo de tapa e exigir a confissão* (p. 44). Afinal de contas, quem manda nessa tal vila de Três Alferes?

As personagens não se conhecem e criam muitos mistérios injustificáveis. Quintino passa a gostar de Geralda e a visitar a loja do mascate. O soldado Aniceto achava que ele estava investigando as negociatas do turco. Um dia, sem revelar seus sentimentos a Geralda, Quintino retorna à delegacia, fica deprimido e acaba discutindo com o soldado. A briga parecia inevitável. Os motivos?! Quintino resolve o impasse: havia perdido o pente na loja, e assim: *Ficou alegre e até sorriu para o Aniceto que não entendeu nada do que se passava e ficou com cara de bobo* (p. 41).

Os contrários, os paradoxos, a eterna contradição humana reconhecida por Deus revelada ao Diabo – ver **A igreja do diabo**, também se fazem presentes nos habitantes de Três Alferes: *Se o tempo fosse se guiar pelas conversas cá de baixo, ficava no maior embaraço: uns querem chuva, outros querem sol* (p. 45-6). O marasmo, o tédio, a vadiagem, a morte de Geralda, o “trono no morro” destinado a Quintino confirmam as palavras do próprio autor numa entrevista publicada como prefácio a O trono no morro, a respeito da própria história narrada: *... trata de uma ilusão humana muito comum, principalmente no mundo subdesenvolvido: a das pessoas que pensam que são importantes só porque conseguiram sentar-se numa cadeira alta* (p. 5).

Assim, muitas vezes, os bestializados das histórias literárias podem ser os motivos maiores para grandes realizações – basta mostrar de onde estamos olhando para confirmar o que estamos dizendo.

3 – ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Em seu livro O espaço reconquistado, a respeito do romance hispano-americano, Bella Josef, a partir da leitura de Cem anos de solidão, de Gabriel Garcia Marques, afirma: *Só através das palavras se pode lutar contra o esquecimento* (p. 139). O intertexto aparece nas experiências e nos referenciais de determinados leitores. Aos vencidos, a palavra; aos vencedores o silêncio. Às vezes, o contrário nessa busca e expressão das angústias, interrogações e realizações humanas. E concordando plenamente com Machado de Assis: *O louvor, a censura, fazem-se com poucas palavras* (ASSIS, 1953, p. 309).

BIBLIOGRAFIA

- ASSIS, Machado de. **Crítica literária**. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc. Editores, 1953.
- _____. **Esaú e Jacó**. São Paulo: Jackson, 1937.
- _____. **Relíquias de Casa Velha**. São Paulo: Jackson, 1938.
- CÂNDIDO, Antônio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.
- CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados – o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- CHAVES, Flávio Loureiro. **História e Literatura**. Porto Alegre:EDUFRGS, 1988.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura – uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- FAORO, Raymundo. **A pirâmide e o trapézio**. 2.ed., São Paulo: Nacional, 1976.
- FONSECA, Rubem. **A grande arte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- JOSEF, Bella. **O espaço reconquistado**. Petrópolis: Vozes, 1974.
- PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. 2.ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- QUEIRÓS, Eça de. **O primo Basílio**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

- RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. 36.ed., Rio de Janeiro: Record, 1980.
- RIBEIRO, João Ubaldo. **Sargento Getúlio**. 10.ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 13.ed., Rio de Janeiro: José Olímpio, 1979.
- VEIGA, José J. **O trono no morro**. São Paulo: Ática, 1988.
- ZILBERMANN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.